

31 JUL 1941

499



ESTANDARTE

JORNAL DE MOCIDADE

Redacção e Administração:
PRAÇA DAS FLORES, N.º 49

Directores: LUIZ D'AVILLEZ
EDUARDO FREITAS DA COSTA

Editor: EDUARDO FREITAS DA COSTA
Secretário de Redacção: ÁRTUR PEDRO GIL

ANO I - N.º 5

Lisboa, 28 de Maio de 1941

PREÇO \$40

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL fala de **Revolução à Universidade**

A cultura política pode fazer-se sem necessidade de tomar uma atitude: a formação nacionalista impõe que se tome uma certa atitude política.



Está posto o problema da missão da Universidade. Deverá esta confinar-se a criar e transmitir ciência ou ir mais longe até dar o grande salto das regiões da doutrina puramente científica para as da doutrina normativa ou moral?

Deixem-me empregar uma fórmula que, em ambiente diferente deste, podia parecer pretensiosa: Deverá a Universidade manter-se, em face dos problemas, numa atitude estritamente «teórica» ou, ultrapassá-la, para tomar e despertar uma atitude «prática»? Por atitude prática entendo o desenho de uma conduta definida por um conjunto de normas.

A ciência não dá normas; a lei científica não é normativa. Normas de conduta dão-nos a moral e o direito.

A ciência dirige-se à inteligência; as normas dirigem-se à vontade. Em face da vida, o homem pode não tomar uma atitude teórica; o que não pode é deixar de tomar uma atitude prática. Há-de ter um bloco de normas que o orientem.

Pode então a Universidade que o recebe na idade dos grandes estrelecimentos deixar que passe por ela, como vagabundo perdido pelos caminhos, sem lhas fornecer ou consolidar, ateiçoando-lhe o carácter e indicando-lhe o sentido do movimento?

Pela Universidade passam, em geral, os dirigentes do País. Ser dirigente é ser definidor de uma conduta social, o que pressupõe um sistema de normas. Há-de então a Universidade deixar passar os futuros dirigentes sem lho propôr e os atrair para êle?

Ser dirigente significa tomar uma atitude política. Há-de a Universidade desinteressar-se de a despertar, deixando à desordem das solicitações inconsideradas ou determinadas por algum interesse mesquinho a tarefa de a provocar?

Não sei que alguém tenha contestado a legiti-

timidade de na Universidade se fazerem cursos de deontologia profissional. Mas quando o que está em jôgo é mais do que o interesse da profissão porque é o interesse nacional, como poderia justificar-se a indiferença da Universidade?

Houve um tempo em que muito se reclamou contra a política na Universidade; queria-se a Universidade agnóstica.

Isso nunca se conseguiu. Nem podia conseguir-se que num meio de gente moça, sedenta de acção e de justiça, com a alma disposta a receber e dar vida a tôdas as ideias generosas, se secassem as fontes onde haviam de beber-se estas ideias e alimentar-se aquela acção.

A Universidade foi um campo de batalha. Lá se marcaram na luta os que depois tiveram nas mãos os destinos do País. Lá se criou o gôsto de vencer e de mandar. Mas o País estava dividido, andava perdido à procura de rumo. E as almas generosas que lho buscavam, no meio da confusão, da desordem geral, ou descorçoavam ou ainda aumentavam a desordem. Por isso se gritou contra a política e contra os políticos. Ser «desiludido» era um título que inculcava as pessoas à consideração pública.

Esse tempo passou. Um homem encontrou o rumo que se procurava. Para o impôr à Nação teve de acabar com os partidos. O sentido da unidade obrigou-o a não consentir nas manifestações internas de divisão. Fê-lo com moderação. Antes do que dobrar os homens pela violência, preferiu que êles mesmos se dobrassem pela consciência da obra realizada. Prêgou com o exemplo e pela palavra. Declarou o Estado subordinado à Moral e ao Direito e libertou-o das influências perniciosas dos grupos e dos clans. O Estado que representa a Nação há-de ser bastante forte para dominar e dirigir os interesses que se ergam contra a colectividade que a forma.

Foi surpreender no passado as grandes linhas que marcam a vocação do nosso Povo. Tomou-lhes o espirito, adaptou-as ao presente e transformou o País que se morria neste belo adolescente pronto a caminhar para o futuro sem vergonha do mundo e com aplauso do

mundo, cujas convulsões — esperemos em Deus! — não hão-de tocá-lo gravemente.

Teve para isso de lutar contra os políticos da velha escola até os reduzir e instaurar esta paz que há longo tempo disfrutamos e que criou a ideia de que a política acabou. Afinal era uma política nova que se estabelecia!

É preciso que a mocidade a conheça e é preciso que crie o gôsto pela política e deixe fortalecer a ambição de mandar, quero dizer de servir. Servir tanto é mandar como obedecer: é deter uma parcela do Poder para mandar e obedecer; é desempenhar uma função.

Poderá alguém dizer que está fora da missão da Universidade proclamar estes princípios e fazer brotar estes anseios? Se estivesse, a Universidade seria um campo de ciprestes que estiolaria a mocidade em vez de ser o campo alacre onde arda vivo o fogo generoso que lhe aquece o peito.



Definir as regras de acção política não pode pertencer a cada um; seria a desordem se pertencesse. Há-de caber a alguém fazê-lo em última instância. Isto não exclue a discussão nem a independência. Uma e outra são muito úteis, até à decisão. É, por isso, preciso cultivá-las. Mas, quando chega a decisão e se entra no período da acção só há que executar, como se se tivesse posse da certeza. O contrário é causa de perturbação. Isto é assim, em geral. E é, particularmente, assim nos graves momentos históricos. Isto é assim, sejam quem fôr os governantes. Porém, quando muitos anos de devotamento e de êxitos para a Nação criaram jus a um grande crédito de confiança já não é só por ser melhor que deve obedecer-se, é com a fé, sem reticências, de que a decisão não podia ser outra.

É no quadro destas ideias que a Universidade deve formar o espirito dos que procuram e então poderá responder, quando a Nação ou quem tiver qualidade para a representar lhe perguntar — onde está, que está presente.

ANO XVI DA R. N

Construção de um "saco alpino"

Embora a vontade de possuir um saco seja grande, a maior parte das vezes o campista não o pode ter pelo seu preço ser elevado, e mesmo por nunca haver nenhum que preencha completamente todos os desejos e todos os pro-

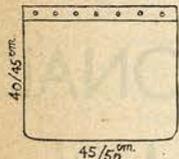


Fig. 1

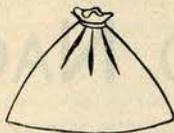


Fig. 2

jectos, toda a possibilidade de arrumação e de formato que cada um imaginou.

No entanto o seu maior inconveniente é o preço elevado, pouco acessível às geralmente pouco providas bolsas da maioria dos nossos campistas.

Para preencher essa lacuna, damos hoje um modelo de saco e a descrição da sua construção. Não é tão difícil como podem julgar e os momentos passados a fazê-lo, são outros tantos minutos de alegria e de distração, que geralmente nunca esquecem. O primeiro saco, para um campista, é tão importante como a primeira «calça comprida» para aquele que deixou de ser «miúdo».

Não garanto que as costuras feitas pelas

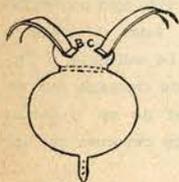


Fig. 3

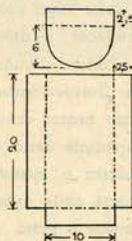


Fig. 4

vossas mãos fiquem muito direitas, nem que o acabamento mereça os elogios de qualquer alfaiate. Mas no saco o que interessa é a solidez e as costuras feitas pelos inexperientes são geralmente as mais fortes. É uma verdade que todos conhecem.

E agora vamos ao estudo do saco.

...

Como tecido, o mais aconselhável é uma lona, resistente e leve, ou — tão boa como ela — o caqui de que é feito o calção, cuja cor pode

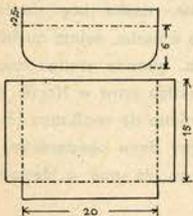


Fig. 5

até ser a mesma, dando um aspecto mais igual e maior beleza de conjunto à farda.

Primeiramente construam um saco rectangular, de 45 a 50 cm. de altura por 40 a 45 de largura, cosido fortemente com costuras duplas (Fig. 1).

Depois de fazer umas bainhas largas na parte superior, que não se cose, colocar, metidas na bainha 12 a 18 ilhós. Por elas passará um cordel que, ao ser apertado dará ao saco o seu aspecto triangular (Fig. 2).

Na parte posterior do saco, 5 a 10 cm. abaixo das ilhós, cose-se a pestana (Fig. 3) seguindo com a costura da máquina o pontecado A.

Cortam-se então separadamente os bolsos laterais (Fig. 4) e o bolso central (Fig. 5), que

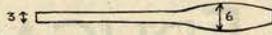


Fig. 6

depois se cosem ao saco, na parte da frente deste.

Nos dois cantos inferiores, duas argolas em que se irão prender os mosquetões das correias.

E pronto. Tudo quanto era pano já está feito. Agora vamos a tratar das guarnições.

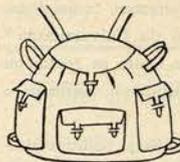


Fig. 7

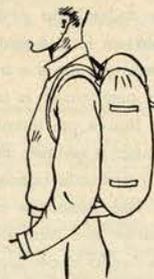


Fig. 8

Começa-se por cortar duas tiras de correia, do feito que indica a fig. 6. As partes alargadas passarão sobre os ombros, o que dará uma maior comodidade ao saco. As correias estreitas enterram-se nos ombros, e além das dores de

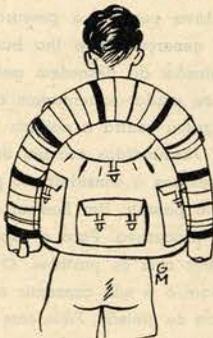


Fig. 9

momento, produzem escoriações infinitamente dolorosas.

Cosem-se depois as correias à pestana (Fig. 3) nos locais marcados B e C.

As pontas mais estreitas tem preso um mosquetão que vai prender às argolas dos cantos inferiores do saco. É agora a ocasião de fazer as presilhas da pestana, dos bolsos e mais 4, marcadas no saco com as letras D, E, F e G, da fig. 7, e que servirão para segurar a manta embrulhada, sendo todas elas munidas de fivelas. Agora só falta cortar uma tira, um perfeito cinto, que será cosido a toda a largura do saco, na parte posterior deste, em baixo, e que se apertará à frente com uma fivela, impedindo o balanço do saco, tão incómodo e fatigante.

E pronto, o saco está feito. Agora vamos enchê-lo, põ-lo aos ombros e levá-lo no próximo acampamento, em que os colegas ficarão todos admirados com a comodidade e beleza do nosso equipamento.

Construído em casa e por nossas mãos, fica o saco em menos de metade do preço e em mais do dobro da estimação.

Os mascarados

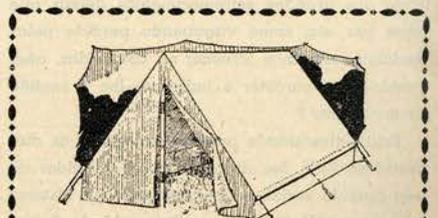
Todos nós os conhecemos, mas a todos nós têm enganado. São atrevidos, irrequietos, irreverentes. Na política, na literatura ou na arte, espantam pelo seu arrôjo e se — por vezes — fazem sorrir, são sempre sorrisos de simpatia os que acolhem essas audácias.

Infelizmente chega, mais tarde ou mais cedo, aquilo a que se convenção chamou «amadurecimento». Desaparece a saudável turbulência de outros tempos para dar lugar a uma pacatez banal que — por vezes — faz sorrir, mas de piedade indulgente.

E não se pense que amadurecimento é aqui sinónimo de velhice física. Quanta vez são os rapazes, justamente, que vivem com a mentalidade frouxa do desiludido e a juventude de espírito se vai albergar nos nossos irmãos mais velhos. Razão teve António Ferro ao estigmatizar «certos fósseis da nossa terra que se alcunham de novos» e ao pensar que «dá Deus vinte anos — as rijas nozes do tempo — a quem já não tem dentes».

Todos nós os conhecemos, mas a todos nós têm enganado — quando são intimamente pacatos e os julgamos irreverentes, porque nos aparecem sempre com a mesma máscara e não nos querem deixar ver as alterações que debaixo dela se passaram.

E. F. C.



TENDAS E MATERIAL
PORTÁTIL PARA
CAMPISMO

CASA FIGUEIREDO
215-RUA DA PRATA-217
LISBOA
- TELEFONE 27606 -

A ETIÓPIA E OS PORTUGUESES

Corria o ano de 1487. Festejava-se, em terras de Portugal, a descoberta do Cabo da Boa-Esperança, feita por Bartolomeu Dias. E, assim, pleno de satisfação e conduzido pelos resultados brilhantes a que se estava chegando durante o seu reinado, D. João II—rei de Portugal audacioso e empreendedor—resolve mandar uma missão às terras longínquas e lendárias de Prestes João.

Frustradas as tentativas dos primeiros enviados, logo se nomearam—atendendo então aos requisitos indispensáveis para o desempenho de tal cargo—novos embaixadores. Foram eles—tendo contudo só o primeiro chegado ao seu destino—Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva.

Defrontando gigantescas e inúmeras adversidades, lutando contra tempestades tremendas em que o espírito da fé e do sacrifício abria brechas vitoriosas—Pêro da Covilhã alcançou triunfalmente o decantado e vastíssimo império dum povo que escondia—receando mostrá-las ao Mundo—no meio sonhador e de temer das suas florestas formosas, o valor inexplorado de minas de ouro, a riqueza duma vegetação brilhante...

Já na Etiópia—entre rios que ao solo escaldante, por onde se espriam, levam a fertilidade—Pêro da Covilhã sentiu-se rodeado duma simpatia sincera dos que o cercavam, e, também, do interesse que o *négus* Alexandre demonstrara ao sabê-lo representante dum monarca cristão e português que o enviara às suas possessões em preito de homenagem e de amizade.

Cumprida a sua missão—e com o coração transbordante de alegria pelo dever realizado em bem—o embaixador que, nas regiões da África Oriental demandara uma aliança por nós tão desejada, ergueu ao Céu as suas mãos em agradecimento pelo triunfo do seu trabalho, e, resolveu, mordido pelas saudades do torrão que o vira nascer, regressar à Península.

Mas, Pêro da Covilhã—depois mesmo de ter dado à rainha Helena um pedaço da sua vida para que outra vida se gerasse numa comunhão de sangue e de raças—viu, com desgosto, que a permissão solicitada para sair daqueles territórios—a princípio deferida pelo imperador Alexandre—foi depois negada de modo terminante pelo sucessor do dito regente, seu filho David.

Derreado, enfim, pela luta protocolar que sustentava, sucumbido pela incapacidade demonstrada de vencer um passo que jámais se lhe afigurara de difícil execução, o valoroso português deixou-se embalar nas honrarias que o novo *négus* entretanto lhe concedia e, estabelecendo residência, casou-se com senhora nobre e virtuosa. Possuidor de imensas terras—oferta gentil de David—Pêro da Covilhã, lusitano valente que sulcara mares encapelados e desenhara imagens brilhantes de aventureiro que sabia para onde ia, realizou a última parte do seu programa—o último capítulo duma existência iluminada pela estrêla imorredora da glória...

Recordou os campos verdejantes da terra lusitana, ao escutar, saúdos e enfraquecido, novas de Portugal das bocas de dois compatriotas: o capelão João Gomes que em 1507 atingiu, pela sua tenacidade e inteligência, o território etíope, e o embaixador D. Rodrigo de Lima que em 1515 ali fôra mandado, já à ordem de D. Manuel I, representar, por nomeação, Portugal na Abissínia... Embrenhou-se—respeitador e interessado—no mundo fantástico das lendas que pareciam ainda existir, qual sombra do politeísmo da velha Europa, no ambiente tranqüilo daquelas regiões ricas de natureza, pobres de civilização... Auscultou, nas suas alegrias e nas suas dores, o povo abexim... Compreendeu-o e estimou-o... Viu-o delicioso e satisfeito com o terreno e com o couso... Olhou as montanhas altivas que dir-se-iam querer rasgar o céu em busca do Infinito... E sentiu, sobretudo, o papel importantíssimo que os portugueses iriam ter na vida, então começada, dum povo em embrião...

E agora, passados séculos, o valor dum espírito, a coragem duma alma, o esforço dum português reflecte-se ainda irradiante—oriundo das ameias do castelo de «Gimb»—nas águas benditas e tranqüilas do Nilo...

MANUEL GUEDES DE DION

Interferências

Acusação

Excelentemente definiu uma vez Carlos Malheiro Dias um dos aspectos da nossa posição quando disse estas palavras lapidárias:

«Uma das acusações que mais frequentemente os envelhecidos articulam contra a mocidade é a da sua presunção. Mas a modéstia é a tristonha virtude da experiência. Mocidade é ter a fé íntegra e a esperança ilimitada. A feliz mocidade não conhece o talvez.»

De acôrdo

Em «Acção» deparámos com um «Éco» com o qual estamos inteiramente de acôrdo.

O Teatro de revista está em triste decadência. Falta de graça, pobreza franciscana de guarda-roupa, miséria na montagem, elencos «coxos», repetição de quadros e números de revistas antigas, de todos estes males sobre o chamado «teatro ligeiro».

A quem competir salvá-lo da derrocada final que o taça. É um caso urgente.

Caso único

Tomé Vieira refere-se, também em «Acção», a um gesto com certeza único: tal foi o de Loureiro Botas, autor de «Litoral a Oeste», ter distribuído o dinheiro que recebeu do prémio ganho no Concurso do S. P. N. pelos personagens da sua obra.

Fez mais: veio ao encontro do maior desejo dos habitantes da praia onde a acção do seu livro decorre e ofereceu-lhes, para a sua velha ermida, uma imagem da Senhora de Fátima.

Este gesto, pela sua beleza e simpático inéditismo, mereceu bem a referência que lhe faz «Acção» e a que «Estandarte» não quis ficar indiferente.

Casa Buttuller

(NOME REGISTRADO)

Bonés e todos os artigos para fardamentos civis e militares

Tudo para todos os fardamentos usados em todo o Império, conhecendo-se todos os regulamentos de uniformes

Bandeiras

A casa mais moderna em bandeiras mas que vendeu os maiores fornecimentos dos últimos dois anos. Fornecedora das seguintes entidades:

Juventude Católica
Agência Geral das Colónias
Exposição do Mundo Português
Alfândega de Lisboa
Hospitais Civis de Lisboa
Misericórdia de Lisboa, etc.

37, R. Barras Queiroz, 39-Tel. 2.9350-Lisboa
Executa qualquer trabalho no género

LIVRARIA PORTUGAL

70, Rua do Carmo - LISBOA

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sempre as melhores novidades de Obras Literárias, Arte, Medicina, História, Direito, Economia, tanto nacionais como estrangeiras

Serviço rápido de encomendas para todos os países da Europa e América

Informações bibliográficas sobre todos os assuntos

Fornecimento de livros para o Continente, Ilhas e Colónias

Dirijam os seus pedidos a

PORTUGAL

70, Rua do Carmo - Tel. 2 0582 - Lisboa

VÔO sem motor

Impuseram-me a tarefa de trazer até ao «vôo sem motor» a vossa atenção — rapazes da minha terra! E porque há muito tempo convosco me entendo e vos conheço de perto, a verdade é que fiquei contentíssimo. Mãos à obra, pois!

Tinha eu em mente um plano de actividade que comportava dois campos de acção: num deles tentaria falar ao vosso entusiasmo juvenil, a vossa aptidão de rapazes desembarçados, ao vosso brio — ¿que sei eu? — a tôdas aquelas qualidades que auscultei no prolongado trato com a Mocidade do País, que a Organização Nacional me proporcionou; no outro haveria de por-vos em contacto com a parte técnica do «vôo sem motor», que ao contrário do que tenho ouvido alardear é complexa — sem contudo assustar ninguém, bem entendido!

Mas eis que aqui ao lado, em colunas vizinhas, quando o vosso entusiasmo mas por vezes pouco reflectido dinamismo, eu ouço o ranger nervoso da pena autorizada de Alguém que já fez palpitar ansioso o coração do Português de nossos dias, quando — em condições sem paralelo na aviação estrangeira — logrou tão alta glória e fama, pilotando por esses céus o minúsculo «Dili».

Ouçamo-lo pois, no recolhido, fervoroso silêncio da nossa admiração pelo aviador que nos oferece o exemplo da sua glória e a luz do seu muito saber, através do entusiasmo... de rapaz (que êle me perdôe!).

Por mim, muito simplesmente, hei-de procurar conseguir que o «vôo sem motor» se vos torne familiar, que os seus problemas vos interessem, que Hanna Reitsch, Hans Fischer, Varela Cid, Marcel Doret, Gora Vadensz, Nessler e tantos outros, não constituam apenas uma colecção de nomes mais ou menos arvezados, antes vos falem como capítulos gloriosos, embora por vezes de triste epílogo, ou história maravilhosa de um desporto lindo e novo onde o Homem conquista a altitude entre nuvens e cumes azulados de montanhas.

Sirva de motivo ao vosso entusiasmo o pensamento que traz alvoroçados os entusiastas e atentos os simpatizantes: — o Sr. Comissário Nacional da M. P. dedica especiais cuidados ao problema da aviação.

Este facto constitui garantia de que alguma coisa se vai passar nos domínios da aviação interessando à Mocidade do País. Conto, portanto, com o vosso entusiasmo e peço a vossa atenção.

MANUEL CERQUEIRA

Aviominiatura na Mocidade Portuguesa

Muitos comentários tenho ouvido acerca do desenvolvimento da Aviominiatura na Mocidade Portuguesa. Porém o que não vi ainda, foi dispor-se a pensar um pouco na possibilidade de se organizar esta simpática actividade, que considero entre as mais queridas dos filiados da Organização.

Sabe-se que a Aviominiatura constitui em todos os países o abecedário onde a juventude vai colhêr profundos conhecimentos Aeronáuticos, além de constituir um elemento precioso de selecção e escolha dos rapazes que mais tarde hão-de passar pelas oficinas de construção de planadores, centros de vôo à vela e motorizado.

A juventude dos outros países é constituída da mesma massa do que a nossa, pelo que — se nos organizarmos — tudo é possível.

Nos fins de Fevereiro do corrente ano criava-se na Escola Industrial Machado de Castro um Centro de Aviominiatura no qual se inscreveram inicialmente dezasseis filiados. Passados alguns dias estavam a construir modelos simplicíssimos, do tipo vareta, tanto planadores como borrachas. A construção destes fáceis modelos permitiu-nos um conhecimento das possibilidades de cada um, e em função dessas possibilidades, lhes fomos dando outros modelos, planadores e borrachas com fuselagens fáceis e asas nervuradas.

Com o fim de maior número de filiados beneficiar dos nossos ensinamentos, fomos largando alguns, deixando-os entregues a si próprios. Eram-lhes fornecidos planos e materiais para construir em casa, sendo obrigados a virem

ao nosso encontro sempre que precisassem do nosso auxilio ou quando terminados os modelos. No seu lugar admitiamos outros filiados que seguissem o caminho dos seus colegas.

Dêste modo conseguimos que uns cinquenta filiados, êste ano, trabalhassem na aviominiatura. No dia do encerramento das actividades lá vamos ver essas dezenas de rapazes lançar os seus pequenos aviões, rapazes para quem a graciosidade dêesses curtos vôos é a recompensa máxima do seu trabalho.

Êste ano, não nos permitiu mais do que ensinar, no ano próximo muito mais será possível fazer. As férias grandes vão-nos trazer a oportunidade de elaborar um criterioso programa de ensino, que facilite a missão dos instrutores, criando um método de construção puramente nacional, com o emprêgo constante de materiais que abundam entre nós (madeira de pinho, choupo, amieiro, faia, contraplacados, folheados, vime, junco, etc.).

Uma lacuna nos é difícil de preencher, é a dos instrutores. É necessário, para uma maior expansão, a existência dum grupo de dirigentes, conhecedores de assuntos Aeronáuticos e especialmente de Aviominiatura.

A-pesar-de tôdas as deficiências encerram-se as actividades com a satisfação dum dever cumprido. Dever para com a causa do Ar, dever para com a Nação.



AMÉRICO VAZ

Instrutor de Aviominiatura da M. P. no Centro Escolar n.º 18 — (Lisboa)

Grandes — Armazens do CHIADO — O maior Estabelecimento da Península

DIRECÇÃO GERAL E SEDE
Rua do Carmo, 2 — Lisboa

FILIAIS

Pôrto — Praça da Universidade
Coimbra — Rua Ferreira Borges
Abrantes — Praça R. Soares
Arganil — Rua Oliveira Matos
Aveiro — Avenida Central
Barril d'Alva (Coja) — Largo do Chiado
Beja — Praça Moraes Sarmiento
Braga — Rua Cândido dos Reis
Caldas da Rainha — Praça da República
Covilhã — Rua General Queiroz
Évora — Praça do Geraldo
Faro — Rua Conselheiro Bivar
Figueira da Foz — Cais da Alfândega
Guarda — Rua do Comércio
Portalegre — Rua do Comércio
Santarém — Praça Sã da Bandeira
Setúbal — Praça do Bocage
Tôrres Novas — Praça 5 de Outubro
Viseu — Rua do Comércio

Frente ao Chiado / Rua do Carmo / Rua Nova do Almada / Rua do Crucifixo / Frente à Rua da Vitória / Frente à Rua da Assunção

OS QUE MAIOR SORTIDO TÊM
OS QUE MAIS BARATO VENDEM

em Lisboa e nas terras aonde se encontram instaladas as FILIAIS dos

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO
Fornecedores

das JUNTAS DE FREGUESIA do EXÉRCITO e MARINHA
Cooperativa dos CORREIOS E TELÉGRAFOS da Caixa de Pensões dos CAMINHOS DE FERRO e outras

Uniformes para a MOCIDADE PORTUGUESA MASCULINA E FEMININA

Aprovados e autorizados pelos Ex.ªs Comissariados Nacionais

Fazendas de graça: Continuamos a dar por cada 100\$00 de compras um Bom-Chiado para as lotarias mensais e se a sorte os contemplar poderão receber 1.000\$00 em fazendas absolutamente de graça e à escolha do contemplado, vantagem esta que vos proporciona os

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

A RESPOSTA

Santo e Senha

Restaurado o prestígio nacional à quem e além fronteiras; abertos mais caminhos e estradas; reparadas as antigas; reorganizada a Armada Nacional; lançadas sôbre rios e vales novas pontes; postos ao alcance de todos telegrapho e telefone; e, numa prodigiosa acção, equilibradas as finanças públicas — poderia parecer a muitos ter-se feito quasi tudo.

Mas, muitas outras necessidades, e instantes, havia a atender. A Juventude Portuguesa por exemplo não tivera nunca quem a soubesse organizar, enquadrar e disciplinar. Esforços dispersos e desconcentrados, cada um representando sua facção política ou religiosa diferente e que mutuamente se guerreavam, tinham sido incapazes de lançar, nem que fôsse, as fundações da grande Obra.

O Estado Novo não podia, porém, comprometer aquilo que — A Bem da Nação — vinha fazendo em doze anos de Luta, Esforço e Fé. Seria incompreensível deixar quebrar, por negligência, a continuidade da Acção e o ritmo do Movimento. E veio, em hora feliz e inesquecível para nós, rapazes e Portugueses — a MOCIDADE.

Quantos jovens não se quedaram seguros do valor e da necessidade daquilo que começava?!... E foram as inscrições em massa.

Do Minho ao Algarve, de ponta a ponta de Portugal, aos milhares, voluntária e conscientemente, vinham a dar os seus nomes, para trabalhar na Organização, como modestos mas entusiásticos artífices. E foi o começo animador.

Passada a primeira onda de entusiasmo e exaltação houve que lançar então, com calma e serenidade, as malhas da «M. P.» a todo o País. Trabalho gigantesco, tanto por falta de preparação da Nação como dos seus Homens. Todos concordavam com a utilidade e a urgência da Ideia que surgira; poucos, porém, sabiam o que era necessário e como levá-lo a cabo.

Era preparar moral e fisicamente os Portugueses de amanhã; dar-lhes uma CONSCIÊNCIA; formar-lhes um CARÁCTER; transmitir-lhes a CONFIANÇA nos valores eternos da Pátria; continuar e prolongar, cá por fora, na rua, na escola, na oficina, na loja o trabalho educador que incumbê à Família; fazer de cada um — um HOMEM; de todos — PORTUGUESES.

E porque concordávamos com este plano, e porque assim nos parecia dever ser — alistámos o nosso nome.

Temos, nestes quatro anos, vivido não na Organização, mas DENTRO dela. Há uma funda

diferença e logo à primeira vista se distingue o rapaz que vai ao seu Centro e às outras actividades por ir, sem «pensar» porque vai e como vai — daquele, senhor do seu papel, consciente da quota-parte que lhe cabe na totalidade da Obra, sempre apto a responder à já clássica pergunta: porque estás na «Mocidade»?

Muito temos visto fazer em quatro anos, muitíssimo temos visto querer fazer, sempre em eterna luta com a escassês de recursos, a falta de dirigentes, a má-vontade de uns e a incompreensão de outros.

Mas o reacquirir da confiança nos altos destinos da Pátria; o conhecimento daquilo que ela foi de 1910 a 1926 e o que é e vale agora; a formação de uma consciência imperial entre a massa da Juventude; a segura certeza do «porquê» da condenação de certos sistemas políticos; garantir aos filiados bases para a formação de uma sólida cultura político-social; fazer dos rapazes mais velhos Homens na total acepção deste termo; couraçando-os contra as arremetidas de vária ordem, vindas de diversos sectores e que não deixarão de cair sôbre eles pela vida fora — eis uns quantos aspectos da benéfica e produtiva acção empreendida pelo Movimento até agora. E, assim, poder-se-á garantir a continuidade da acção de Salazar e do Estado Novo.

...

Quanto mais não fôsse bastaria esta razão para fazer ver a todos nós rapazes — mas a TODOS — a altíssima obrigação que nos cabe de trabalhar arduamente, lutar sem quebra de ânimo ou esmorecimento de esforço para que, ao recebermos em nossas mãos a inapreciável obra do CHEFE não nos entrelhosmos e digamos: que fazer de tão pesada herança?

E não faltaríamos os outros, com matreirices de rapôsa velha e ardis de vária ordem a pretender dar-nos ajuda. A obra, assim, ameaçaria desaparecer. Morreria às nossas mãos. Seríamos réus de crime imperdoável. Mas nós, futuro de Portugal, que à sombra da Mocidade Portuguesa algo temos aprendido, sabemos, já, por isso mesmo, da necessidade do nosso trabalho, do valor da nossa dedicação, do peso do nosso interesse, da urgência do nosso sacrifício; iremos, por comodismo, encostando-nos à obsoleta lei do menor esforço, deixar a meio os nossos deveres, mutilar a obrigação em que estamos de, pela «M. P.» e através dela, servir a Pátria para a fazer ainda melhor? Não.

E é por isso que ainda estamos na «M. P.».

Precisam as novas gerações de colhêr nos mestres as lições sôbre os modos de actuar e de viver, muito diferentes daquela vida de inércia corporal e espiritual que teve a sua gênese na geração de 98, a dos «vencidos da vida»; dos «enciclopedistas» *omni sapiens* e, portanto, *omni ignorans*; do «nirvana» físico e intelectual; dos que seguíam o lema epicurista: *bebe, ede, lude, post mortem nulla voluptas*; dos que confundiam Pátria com o lugar em que se exerce a actividade, ou sejam os verdadeiros apátridas; dos «incompreendidos», porque só emitiam sons em vez de palavras, ou sejam os pretensos literatos; dos que clamavam: isto vai mal, mas não reagiam nem ensinavam o que havia a fazer; dos que queriam fechar a sete chaves o sepulcro do Cid, os que espalhavam que a História era uma narrativa de feitos sem significado, «historiadores novelistas»; dos que entendiam que a liberdade era uma palavra mágica que em si continha todos os predicados, «libertários»; dos que julgavam elevar-se proclamando a destruição de tudo o que os séculos tinham pacientemente construído, os «nihilistas»; e de tantas outras espécies de jovens torturados e envelhecidos que arrastavam a sua vida como larvas tendentes a desaparecer sem passar pelas últimas metamorfoses.

É necessário reagir, inculcar na juventude vida nova e a isto se destinam estes «santos e senhas» que iremos publicando — colhidos em tôdas as partes do mundo e de todos os que, directa ou indirectamente, se dirigiram à mocidade.

Vibram no ar palavras de fé, credos novos, afirmações profundas, misteriosas, místicas.

A disciplina, base de toda a ordem, está definida nesta frase de Unamuno: «*Só há liberdade verdadeira na obediência*».

A juventude moderna tem de ser combativa, activa. José António Primo de Rivera dizia:

«*Queremos que a dificuldade siga até ao fim; que a vida seja para nós difícil, antes do triunfo e depois do triunfo*».

«*O Paraíso é contra o repouso. No Paraíso não se pode estar sentado; está-se verticalmente, como os anjos*».

MÍNIMO

ESTANDARTE

Sai a 10 e 25 de cada mês

ASSINATURAS

Trimestral	2\$40
Semestral	4\$50
Anual	9\$00

Os assuntos de redacção e administração tratam-se das 10 às 12 horas e das 18 às 20 horas na Praça das Flores n.º 49

COMPOSTO E IMPRESSO NAS

Officinas Gráficas da Casa Portuguesa
Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

É distribuidor exclusivo de «Estandarte»,
Editorial Organizações, L.ª — L. Trindade
Coelho, 9, 2.º — Tel. P.A.B.X. 2 7507 — Lisboa

Propriedade da O. N. M. P.

ANTIGA CASA TEOFILO

(Fundada em 1898)

FARDAMENTOS, BONÉS
ARTIGOS MILITARES

da Legião e Mocidade Portuguesa

— GRANDE SORTIMENTO A PREÇOS SEM COMPETÊNCIA —

Executa qualquer encomenda para o Continente, Ilhas e Colónias, em 24 horas

41, R. Barros Queiroz, 43 — LISBOA
TELEFONE 2 3555



"MOCIDADE PORTUGUESA"

I Semana Desportiva da M. P.

Tem lugar em Lisboa nos dias 12, 13 e 14 do próximo mês, em local a designar oportunamente, a I Semana Desportiva da M. P.

As provas a disputar são as seguintes: campeonato nacional de volley e basket-ball entre os finalistas, campeões das zonas Pôrto, Centro e Sul do País; campeonato nacional de atletismo entre as equipas representativas das Províncias, constando das seguintes modalidades: 80, 150, 300, 1.000 e 3.000 metros; 83 metros barreiras; estafetas 5x80, 3x200, 3x1.000 metros; saltos em altura, comprimento e vara; lançamento do peso, disco e dardo; campeonato nacional de esgrima a duas provas: uma de equipas, outra individual; e campeonato nacional de lawn-tennis.

Independentemente do interesse que a I Semana Desportiva da M. P. está despertando, acresce ainda a circunstância dos resultados entre Pôrto e Lisboa contarem para o II Pôrto-Lisboa em atletismo, o que aumentará a emulação entre os atletas nortenhos e sudistas, servida por um superior espirito desportivo.

Pelo entusiasmo verificado nas diversas provas de apuramento e selecção realizadas na Província, fácil é prevêêr que um ambiente de febril e comunicativa expectativa presidirá à I Semana Desportiva da M. P.



Encerramento do ano escolar em Coimbra

Em data a fixar, realiza-se no mês que vem, em Coimbra um grande festival, para encerramento das actividades do ano escolar na Lusitânia.

Dirigentes e filiados, encontram-se como é natural, empenhados em conseguir rodear esse festival do maior brilhantismo e luzimento, o que não será difícil, sabida como é a dedicação de quantos, de qualquer forma, prestam à M. P. o seu concurso ou recebem dela o estímulo forte, que emana da sua essência e se couraça na sua farda.

CAMPEONATOS de Volley-Ball da Ala n.º 2

Os resultados dos últimos desafios foram: 2.ª zona (Centro n.º 26) contra 5.ª zona (Centro n.º 47), sendo vencedora a última.

3.ª zona (Centro n.º 27) contra 4.ª zona (Centro n.º 18), sendo vencedora a 3.ª zona.

6.ª zona (Centro n.º 22) contra 7.ª zona (Centro n.º 35), sendo esta a vencedora.

Estão apuradas para a meia final as seguintes zonas: 5.ª zona (Centro n.º 47 — Colégio Académico), 3.ª zona (Centro n.º 27 — Liceu Passos Manuel) e 7.ª zona (Centro n.º 35 — Colégio Infante de Sagres).



FESTA DA PRIMAVERA

Dedicada aos filiados da Ala de Lisboa, promoveu a Delegação Provincial da Estremadura uma interessantíssima festa no Estádio do Lumiar, que se denominou da Primavera.

Após a concentração geral dos filiados de todos os Centros, no Campo 28 de Maio, seguiu-se o desfile em direcção ao Estádio, que abriu pelo escalão dos filiados não fardados, seguindo-se os fardados.

As Bandas do C. E. 23 e C. E. 58 iniciaram o festival, executaram o hino da M. P. que, em coro e em continência, foi cantado por todos os filiados.

As equipas participantes formaram depois na pista em frente da tribuna, prestando continência.

As partidas de volley-ball, basket-ball e atletismo foram disputadas com grande animação e no meio de acentuado entusiasmo.

A demonstração do hand-ball entre os C. I. G. C. a todos deixou agradável impressão.

Justificada curiosidade causou a apresentação e concurso dos modelos executados este ano nos Centros de Aviominiatura.

Por último, procedeu-se à distribuição dos prémios às equipas vencedoras das provas realizadas na Província, tocando-se os hinos da M. P. e Nacional, cantados por todos os filiados.

Regatas a remos do torneio anual da M. P.

No percurso de 2.000 metros, realizou-se na pista da Junqueira a regata Pôrto-Lisboa, em «yolles» de 8, que anualmente tem lugar alternadamente no Norte e no Sul.

Esta competição, de que saiu vencedora a equipa de Lisboa, suscitou a maior expectativa entre os remadores das duas cidades, tudo indicando que uma sã e benéfica rivalidade contribuirá para a expansão do magnífico desporto do Remo entre os filiados da M. P.

No dia 8 próximo, tem lugar em Viana do Castelo o torneio anual da O. N. M. P. em «yolles» de 14, com a comparticipação das equipas lisboense, portuense, minhota e figueirense.

O percurso a realizar é de 1.500 metros. A luta deve resultar emocionante, pela preparação cuidada que as tripulações têm seguido.



9.º Curso de Comandantes do Castelo da E. R. de G. do Pôrto

No 9.º curso de comandantes de Castelo, da Escola Regional de Graduados do Pôrto, dos 92 filiados que o frequentaram, 13 obtiveram a classificação de muito apto, enquanto os restantes 79 mereceram a de Apto.



VISITAS

Realizaram-se Visitas de Contraternização entre centros no passado sábado, 17.

São de destacar as visitas organizadas pela 2.ª, 7.ª, 6.ª e 4.ª zonas.

Todos os Centros da 2.ª zona visitaram o Centro da M. P. do Asilo Nun'Álvares, onde assistiram a uma festa cultural e desportiva.

Os filiados dos Centros visitantes ofereceram da sua merenda aos seus camaradas do Centro do Asilo Nun'Álvares.

Na 7.ª zona os Centros visitaram o Centro da M. P. da Albergaria de Lisboa, onde houve uma festa de confraternização desportiva e cultural, merendando todos em comum.

As merendas são oferecidas pelas direcções dos Centros visitantes.

6.ª zona: Os Centros desta zona visitaram o Centro do Colégio Infante de Sagres.

4.ª zona: Os Centros visitaram o Liceu Pedro Nunes.

O Centro n.º 19 (Escola Industrial Machado de Castro) retribuiu a visita ao Centro n.º 13 (Escola Industrial Marquês de Pombal) havendo uma festa desportiva e cultural.

CANTANDO E RINDO . . .



Seus marôtos! . . .

No jornal «O Barreiro» (n.º 431, de 8 de Maio) apareceu um artigo em que se fazia, com um arzinho muito sonso, a apologia dos Sindicatos Operários trabalhistas.

Só com êles, segundo os senhores de «O Barreiro», surgem as associações que têm por objectivo fazer respeitar os direitos e melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Acrescenta o jornal que os Sindicatos trabalhistas orientam, em toda a Europa, o movimento operário, e defende — em períodos cuidadosamente burilados — a extensão, a todo o mundo, da economia socialista.

Quási nem apetece a gente zangar-se perante tanta . . . ingenuidade.

Seus atrevidotes! Seus marotos! . . .